

17 de julho de 2020

## Boletim n.86 - Ciências Sociais e coronavírus

O boletim n.86, último número do Boletim “Ciências Sociais e coronavírus”, é um balanço e um relato da experiência desta equipe editorial e assistentes, que contam um pouco sobre a trajetória do Boletim, a experiência de publicação e apresentam alguns dados gerais dos textos publicados.

---

### Finalizando a primeira série do Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus: um balanço inicial

*Por Miriam Grossi, Rodrigo Toniol e Marie-Anne Leal Lozano*



Os primeiros registros sobre o coronavírus na imprensa brasileira ocorreram no fim da primeira quinzena de janeiro de 2020. Em uma breve notícia publicada em 17/01/20, no jornal Folha de São Paulo, a realidade do contágio ainda era distante, descrita quase com displicência: “uma doença respiratória misteriosa que apareceu na China<sup>1</sup> está gerando preocupação (...) a segunda pessoa morreu, dezenas de pacientes continuam infectados e a Tailândia acaba de anunciar um segundo caso”. Em menos de 30 dias, os jornais já nos haviam familiarizado com a epidemia e iniciavam a espera pela inevitável chegada do vírus ao Brasil. No dia 17/03/20, exatamente dois meses após a notícia que mencionava o vírus misterioso, os jornais estampavam em suas manchetes o anúncio da morte da primeira brasileira por Covid-19 – uma mulher de 57 anos, em São Paulo. No primeiro dia da publicação deste boletim, no domingo, 22 de março, o Brasil registrava 22 mortes confirmadas pelo vírus. Hoje, quatro meses depois, no encerramento desta série, já ultrapassamos 76 mil mortes.

Ao longo das últimas 17 semanas, publicamos, diariamente, o Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus. Quando ele foi inicialmente pensado, essas publicações procuravam reagir à ambiguidade com a qual as ciências têm sido tratadas desde o início da pandemia. Por um lado, espera-se de pesquisadores a solução para conter o avanço da doença e também os seus efeitos epidêmicos e sociais. Por outro, vivemos em

---

1

[https://busca.folha.uol.com.br/search?q=China&site=online&sr=76&results\\_count=61106&search\\_time=-0.84&url=http%3A%2F%2Fbusca.folha.uol.com.br%2Fsearch%3Fq%3DChina%26site%3Donline%26sr%3D176](https://busca.folha.uol.com.br/search?q=China&site=online&sr=76&results_count=61106&search_time=-0.84&url=http%3A%2F%2Fbusca.folha.uol.com.br%2Fsearch%3Fq%3DChina%26site%3Donline%26sr%3D176)

meio a uma forte onda anti-intelectualista, que coloca universidades e centros de pesquisa no meio de polêmicas fantasiosas e desidrata o financiamento de pesquisas. O boletim foi a forma que encontramos para dar visibilidade às pesquisas das ciências sociais que, neste momento, oferecem aportes fundamentais para diagnósticos e planejamento de movimentos de saída da pandemia. Nosso objetivo foi também mostrar que há uma realidade social da pandemia, fundamental para entender os efeitos biológicos do vírus.

Se inicialmente a publicação do Boletim tinha como objetivo principal apresentar a reflexão das ciências sociais sobre a pandemia, a série nos colocou diante de uma importante constatação: a vitalidade, expressa na diversidade de contribuições recebidas, das ciências sociais em suas múltiplas faces interdisciplinares no Brasil. A pandemia tornou-se uma espécie de *fato social total* a partir do qual as análises a ele dedicadas também passaram a refletir a ampla variedade temática de nossas pesquisas. É por isso que o Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus, ao longo de 4 meses de publicações, também foi um instrumento de difusão de análises sobre gênero, religião, ensino a distância, ecologia, raça, políticas públicas, autoritarismo político e populações tradicionais, entre muitos outros.

Lembramos que a criação do Boletim aconteceu no primeiro domingo de quarentena e que ele visava, inicialmente, a ser uma resposta aos frequentes ataques que as ciências sociais vêm sofrendo no Brasil. Ao iniciarmos o Boletim, pensávamos em publicar alguns números, trazendo um argumento político de relevância contra os cortes de bolsas da CAPES e por sermos eliminados das prioridades do MCTI e do programa PIBIC do CNPq, ocorridos concomitantemente ao período de isolamento.

Observamos, nos quase 150 artigos publicados, tanto o compartilhamento de dados e de análises de pesquisas já realizadas quanto o crescimento de novas pesquisas estimuladas pela chegada da Covid-19 ao Brasil, em março de 2020. Sem dúvida, nossa comunidade científica está altamente preparada para dar respostas rápidas aos desafios que uma crise sanitária de dimensões globais trouxe ao Brasil.

O Boletim foi produzido durante o período de isolamento social que levou todas as universidades e centros de pesquisa brasileiros a suspenderem aulas presenciais. Ele cumpriu um papel importante nesses quatro meses de isolamento, que foi o de alimentar o debate teórico em cursos de ciências sociais sobre os impactos do coronavírus. Recebemos inúmeras mensagens de professoras/es atuando em cursos de graduação de todo o Brasil contando quão importantes tinham sido os boletins para o diálogo com suas turmas.

Na esteira do boletim impresso, inovamos com a criação dos podcasts. Seguimos um movimento crescente neste ano, certamente dado também pelo maior tempo que se passa em casa, da escuta de podcasts, que são uma versão moderna de programas de rádio. O podcast realiza o projeto da antropologia pós-moderna de multivocalidade, dando efetivamente voz a nossos interlocutores.

Editar o Boletim foi um interessante processo de aprendizagem. Apesar de outras experiências editoriais, nenhum de nós tinha tido esta experiência de publicar um periódico diariamente. Assim como a aprendizagem editorial foi intensa, também ficou nítido que ela se estendeu a autoras e autores ao longo do processo. Desde o início optamos por estimular uma linguagem acessível, textos de extensão limitada e sempre acompanhados por imagens enviadas pelas e pelos proponentes. Assim o fizemos por duas razões. Primeiro porque estávamos cientes da infodemia pandêmica. Todos fomos bombardeados por um volume de informações inesgotável, de modo que publicar diariamente textos na extensão de artigos acadêmicos inviabilizaria o projeto e reduziria o número de leitores dispostos a acompanhar a iniciativa. E segundo porque o principal meio de circulação desses textos eram as redes sociais – e, por isso, era preciso adaptar nossa prosa à sua linguagem. Escrever um texto com apenas 1.000 palavras foi também um desafio para quem publicou no Boletim.

Institucionalmente este projeto foi possível apenas porque ele já surgiu como uma iniciativa articulada por cinco associações científicas: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Os canais oficiais dessas associações e suas redes foram nossos veículos de difusão. Em pouco tempo ainda ganhamos a adesão de outras associações, que também passaram a colaborar conosco. Foram elas a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), a Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia (ANPEGE), a Associação Nacional de Pós-graduação em História (ANPUH), a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL) e a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR).

Para manter o fluxo de leitura, avaliação e publicação, contamos com um conselho e uma equipe de apoio editorial extremamente ágeis. Agradecemos mais uma vez às e aos colegas que colocaram a mão na massa e se comprometeram de corpo e alma com esta aventura.

Embora nosso foco inicial fosse o público brasileiro, por meio de parcerias internacionais alguns textos publicados originalmente no Boletim também foram traduzidos para o espanhol e para o inglês, além de terem sido republicados em sites e veículos da imprensa. No início de junho, estabelecemos uma parceria com o Brazilian Research and Studies Center<sup>2</sup>, sediado na Universidade de Wurzburg, na Alemanha, que passou a traduzir todos os textos para o inglês. E colegas do CONICET, na Argentina, também mostraram interesse em replicar textos do Boletim.

Estamos seguros de que essa iniciativa contribuiu para a ampliação da presença pública das pesquisas em ciências sociais no Brasil. Por isso, é com prazer que anunciamos, neste último texto, a continuidade deste projeto. A partir de agora, o

---

<sup>2</sup> Ver em: <http://bras-center.com/>

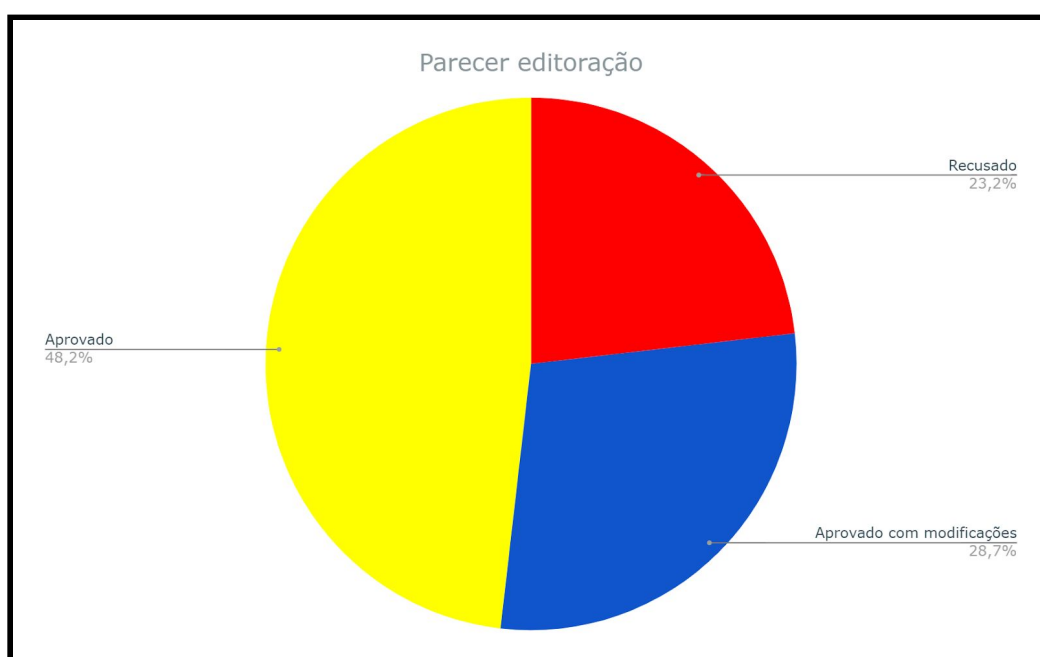
Boletim Cientistas Sociais será uma publicação regular, que alternará os temas abordados. Na próxima série, que provavelmente começará em agosto, o tema serão as questões raciais.

A seguir fazemos um primeiro balanço da iniciativa do Boletim. Nele apresentamos a radiografia desses quatro meses de trabalho.

### 1. Total de textos recebidos: publicados e recusados

Do total de textos recebidos, 48,2% foram aprovados no formato recebido; e foi solicitado pelos e pelas pareceristas a 28,7% dos textos que fossem realizados ajustes e revisões. Foram recusados pelo comitê 23,2% do total de textos recebidos.

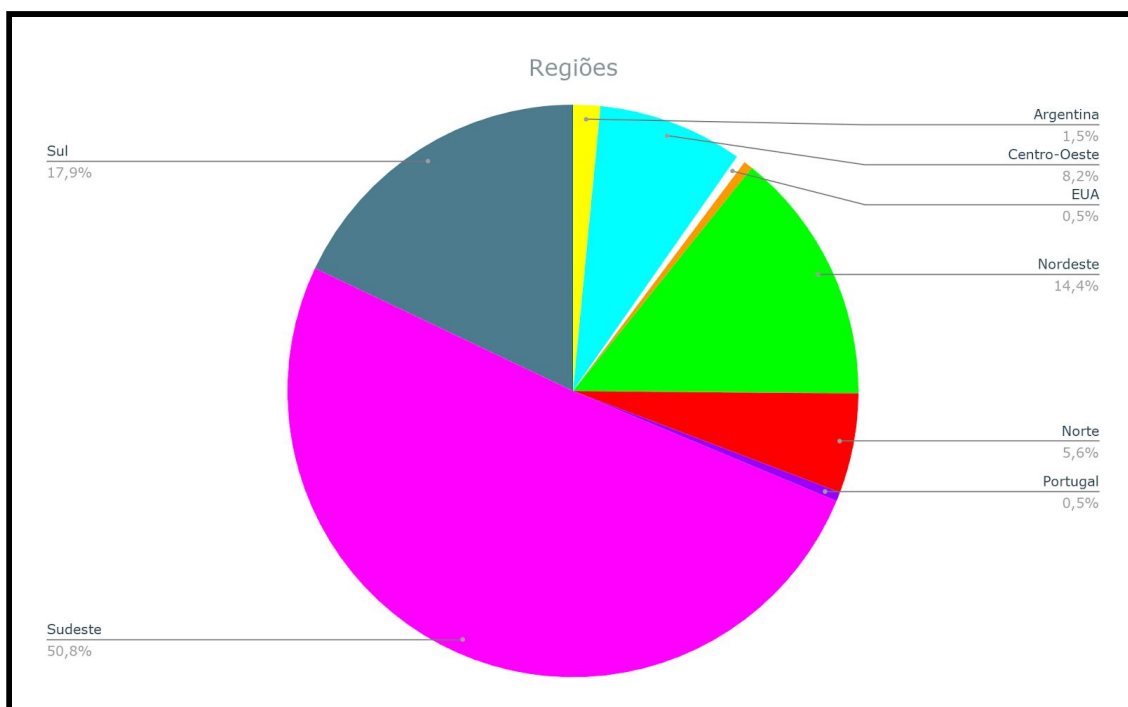
Gráfico 1. Total de textos recebidos: publicados e recusados



### 2. Textos publicados por Regiões do país e do exterior

Tivemos 149 textos publicados, produzidos por 195 autoras e autores. Considerando as regiões a que se vinculam autores e autoras, observamos que a região Sudeste (50,8%) foi a que mais publicou, seguida das regiões Sul (17,9%), Nordeste (14,4%), Centro-Oeste (8,7%) e Norte (5,6%). Recebemos também seis textos do exterior: da Argentina (1,5%), dos EUA (0,5%), do México (0,5%) e de Portugal (0,5%).

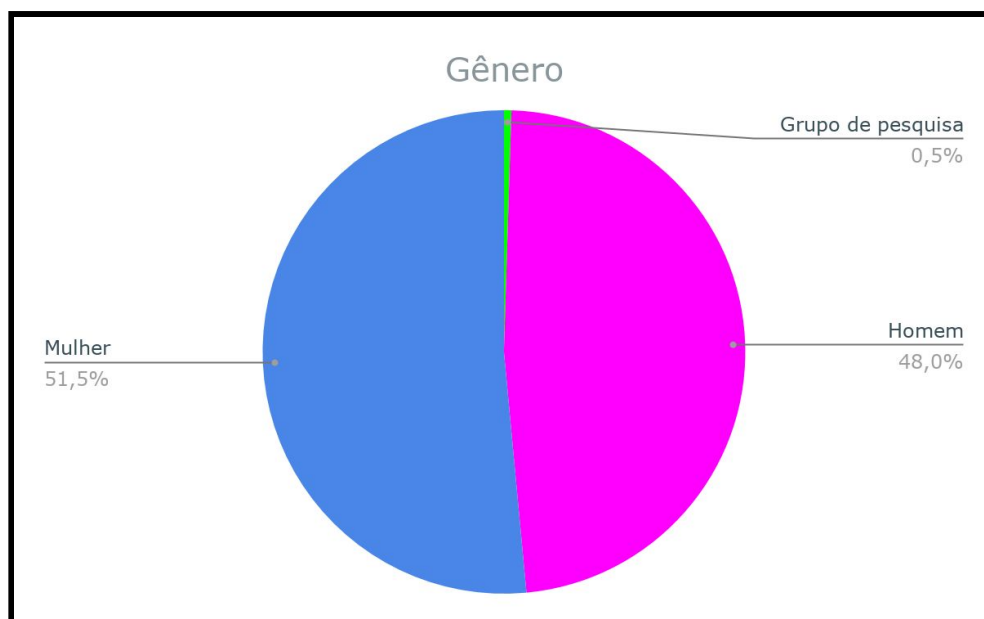
Gráfico 2. Textos publicados por Regiões do país e do exterior



### 3. Qual o gênero de autoras e autores?

Tirando a autoria de um grupo de pesquisa – de cujos integrantes não foi possível determinar exatamente o gênero (nem a quantidade) e que representa 0,5% do total –, observamos que houve quase equidade de gênero na autoria dos artigos, com leve maioria de artigos escritos por mulheres (51,5%) contra 48% escritos por homens.

**Gráfico 3.** Gênero de autoras e autores

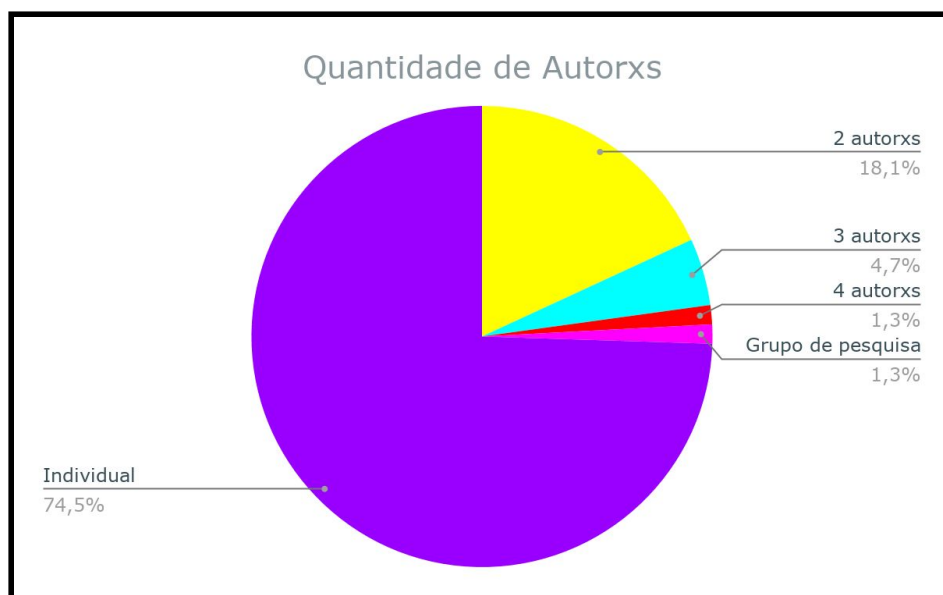


### 4. Autoria individual e coletiva dos textos publicados

O gráfico abaixo mostra que a maioria dos textos publicados é de autoria individual (74,5%). Todavia o número de textos publicados em coautoria (25,5%) aponta

para o crescimento de uma forma de escrita pouco presente na produção tradicional de Ciências Sociais. Foi significativa a produção em coautoria de 2 autoras/es (18,1%), seguida de artigos de 3 autoras/es (4,7%), de 4 autoras/es (1,3%), sendo 2 textos produzidos por grupos de pesquisa (Grupo de Pesquisa Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade – TEMAS/ UFRGS; e NuRuNI – Núcleo de Extensão em Pesquisa com Populações e Comunidades Rurais, Negras, Quilombolas e Indígenas).

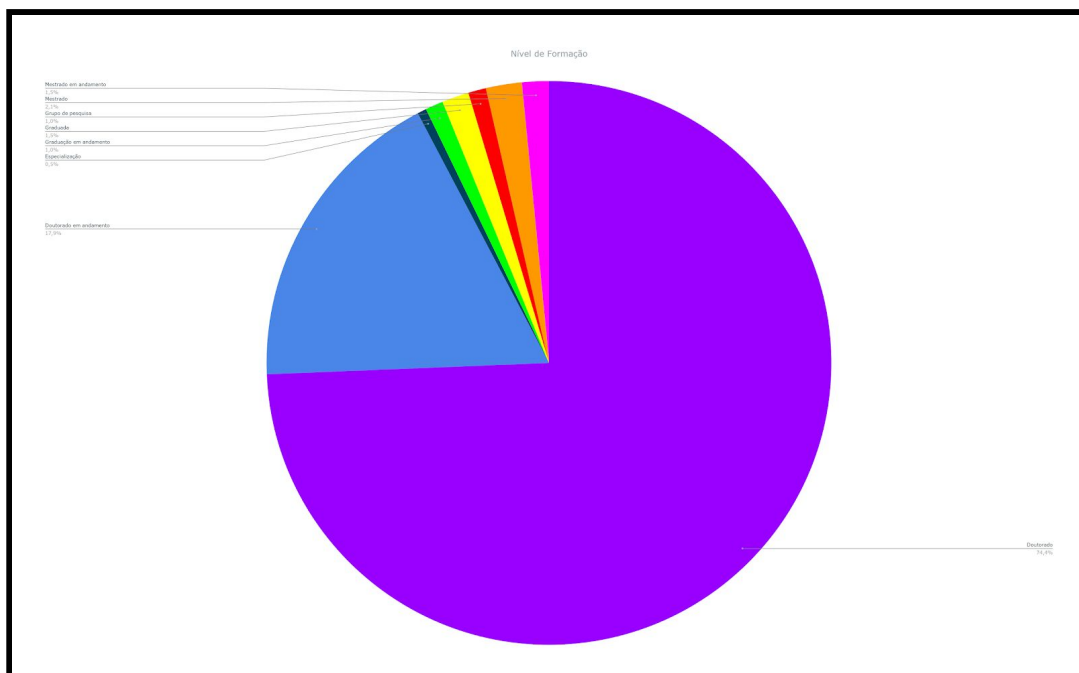
**Gráfico 4.** Autoria individual e coletiva



#### 5. Titulação das/os autoras/es – nível de formação

A grande maioria dos autores e das autoras tem doutorado (74,4%), e 17,9% estão no momento cursando doutorado. Outros 2,1% de autores/as têm mestrado, 1,5% são mestrandos, 0,5% apenas com especialização, 1,5% é de graduados, e 1% está cursando graduação.

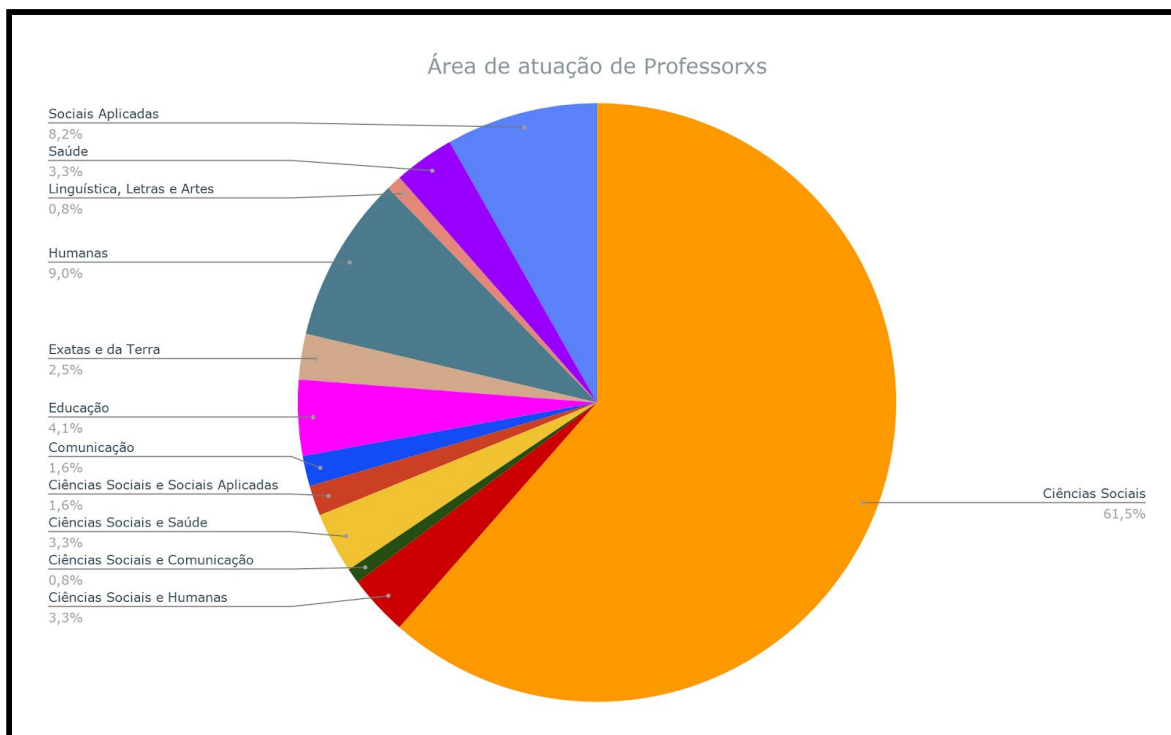
**Gráfico 5.** Titulação de autoras e autores



## 6. Área de atuação dos professores e das professoras

O quadro abaixo mostra a diversidade de áreas de atuação das autoras e dos autores. A maioria atua na área de Ciências Sociais (61,5%), em Programas de Pós-graduação de Antropologia, Sociologia, Ciências Sociais, Ciência Política, Sociologia e Antropologia, Sociologia e Etnologia. É significativa também a presença de cientistas sociais atuando na interface com as áreas da Saúde, de Humanas, das Ciências Sociais Aplicadas e da Comunicação. Há também expressiva presença de autoras e autores que atuam nas grandes áreas das Humanas, Exatas e Ciências da Terra, das Ciências Sociais Aplicadas, Educação, Saúde, Ciências Agrárias e da Linguística, Letras e Artes.

**Gráfico 6.** Área de atuação de autoras e autores



*Miriam Grossi é professora do departamento de Antropologia da UFSC e atual Presidenta da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.*

*Rodrigo Toniol é professor do departamento de Antropologia da UNICAMP e Presidente da Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul.*

*Marie-Anne Leal Lozano é pós-doutoranda pela UFSC.*

## Um olhar diário sobre a pandemia através do Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus

*Por Bianca Setti, Lucía Copelotti e Luciana Alvarez*

Há pouco mais de quatro meses, quando ainda não era possível mensurar a dimensão que tomara a pandemia de Covid-19 no Brasil, passamos a compor a equipe de edição do Boletim “Ciências Sociais e coronavírus”, publicado pela ANPOCS. A partir de então, engajadas em um trabalho conjunto e colaborativo, somamos às nossas rotinas estudantis e de pesquisa, uma série de outras tarefas que, além de pôr à prova nossas habilidades técnicas e de organização, nos mobilizaram criativa e reflexivamente. As funções de diagramar, editar, corrigir, elaborar introduções para cada publicação e selecionar imagens que conversassem com as temáticas exigiram uma leitura atenta de cada um dos textos publicados, possibilitando a aproximação com realidades até então desconhecidas para nós. E foi a partir da confluência dessas múltiplas funções, distintas



e necessariamente complementares, que tecemos as reflexões que apresentamos a continuação.

A publicação do boletim surgiu como parte de um esforço e uma preocupação conjuntas em documentar esse momento tão particular e dar voz à engajada produção das ciências sociais do Brasil. Já nas primeiras semanas, nos demos conta que a vitalidade desse campo de pesquisa e estudos representa uma ampla rede de pessoas preocupadas com as grandes contradições vividas pela sociedade brasileira, conectadas pelo interesse em tentar entender as dinâmicas e características que marcam o país e que iminentemente seriam atravessadas pela emergência sanitária que se aproximava. Aos poucos, somaram-se outras associações além da ANPOCS, o que garantiu a publicação de pesquisadores de outras áreas, como historiadores, economistas e geógrafos, também conectados pelas mesmas preocupações, porém com olhares diferentes dos nossos, agregando significativamente ao conteúdo dos boletins.

Vimos o avanço da pandemia por aqui que, quando começaram os boletins, não havia atingido a cifra de mil contaminações no país<sup>3</sup>. Muitos textos se preocupavam, a princípio, em apontar as vulnerabilidades presentes em determinados grupos sociais e a necessidade de protegê-los, de forma preventiva. Com o passar do tempo, as contribuições que chegavam até nós, cada vez em maior volume, começaram a nos mostrar os impactos da presença do coronavírus nos mais variados contextos e a partir de diferentes perspectivas, uns mais específicos, outros mais gerais. Dessa forma, pudemos saber sobre algumas problemáticas sociais mais de perto, através dos olhares acurados de pesquisadores debruçados sobre seus objetos e campos de pesquisa e as relações que se iam estabelecendo com a presença da doença e dos riscos de infecção.

Não foram raros os momentos nos quais fomos impactadas pelos textos que nos mostraram as diferentes realidades que compõem a sociedade brasileira, cada uma se preparando à sua maneira - ou já revelando esforços e estratégias - para enfrentar não só o vírus, mas o descaso e a ausência do Estado. A omissão, principalmente a nível federal, foi percebida e apontada na má gestão da crise sanitária e na falta de políticas públicas voltadas para atender as necessidades dos diferentes grupos sociais, assim como no agravamento das crises política e econômica. Mas também foi a expressão mais clara de um projeto político que mistura conservadorismo, negacionismo e neoliberalismo, voltando suas costas para os grupos que mais necessitam da atenção do Estado. Além disso, o discurso anti-científico e antidemocrático do atual presidente e seus seguidores, presente desde o início do seu mandato, ficou escancarado de maneira incontestável no contexto pandêmico.

A organização dos boletins que se debruçaram sobre questões relacionadas à produção científica de um lado, e do negacionismo de outro, nos tocaram especialmente por estarmos inseridas no meio acadêmico e envolvidas com a produção

---

3

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/20/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-20-de-marco.ghtml>

científica. Mas, também por constatarmos, estarecidas, a contradição da desvalorização e do sucateamento da ciência - diretamente relacionados ao dismantelamento da educação pública - e, por fim, sua negação, frente ao desconcertante momento que vivemos e as crescentes expectativas depositadas na ciência. Percorremos textos que trataram desde o ensino a distância como possível solução adotada a nível nacional para a continuação das aulas, medida que desconsidera as desigualdades, principalmente entre os(as) educandos(as) da rede pública e privada do ensino básico; até aqueles que abordaram a importância, agora mais evidente do que nunca, da pesquisa produzida no ensino superior público e, ao mesmo tempo, o movimento contrário aos esforços e resultados obtidos, expressos nas falas de governantes e, de maneira mais extrema, pelos ataques às instituições de fomento. Diretamente relacionado à saúde, observamos o contínuo processo de desmontagem do SUS através dos cortes de verbas e da diminuição dos investimentos ao longo dos anos, revelador de um projeto de privatização. Como foi destacado por alguns autores, o avançado e importante projeto de um sistema nacional integrado, gratuito e universal, é responsável por atender grande parte da população brasileira, possibilitando o tratamento da covid-19 e evitando um cenário ainda mais devastador.

Iniciamos as publicações dos boletins no final de março, quando o número de mortes estava ainda na casa das unidades e hoje, aproximadamente 4 meses depois, a média móvel é de 1.081 mortes por dia, tendo sido os últimos sete dias os mais letais no Brasil.<sup>4</sup> O período de publicação dos boletins foi permeado constantemente pelos sentimentos de choque, preocupação, angústia e tristeza diante da escalada caótica e mórbida da pandemia. Acompanhando atentamente o avanço da doença pelo país desde aquele momento, temíamos a dimensão que a pandemia poderia tomar num país como o nosso e, mesmo assim, chegando agora ao fim dos boletins, não deixamos de constar com muito espanto e pesar que os números oficiais marcam mais de 2 milhões de pessoas infectadas e passam das 76 mil mortes. Isso porque esses dados foram tema de vários textos, a partir de diferentes abordagens e métodos, nos quais autores e autoras, cuidadosamente, nos lembravam e reforçavam a dimensão humana, afetiva e ritualística por trás dos números, olhar em geral ausente nos noticiários. Tratam-se de pessoas com histórias de vida, projetos e sonhos, com famílias e amigos, e atravessadas por marcadores de raça, gênero e classe social, questões tão discutidas neste boletim.

Em uma dimensão mais pessoal, para além de trabalharmos juntas nos boletins, tivemos a oportunidade de nos conhecermos e aproximarmos, ainda que, pelos meios digitais, o que foi se tornando uma relação amigável e de apoio mútuo, de troca de ideias e suporte emocional. Relação valiosa em tempos como este, que permitiu que nosso trabalho fosse mais leve e nos ensina como é importante estarmos juntas, ainda

---

4

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/brasil-chega-a-2-milhoes-de-infectados-pelo-novo-coronavirus.shtml?fbclid=IwAR2uBt95kdbOFRMMHDWdmCBG18AqHlKMh1bU7OrDspRCKOJvJlCD9NXAE5Q>

que distanciadas pela força das circunstâncias. Diante do contexto de angústia e incertezas incontornáveis no qual nos encontramos, parece-nos ser preciso imaginar linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 1995), de modo a resistir à naturalização de um “novo normal” que coloca a economia acima da vida humana, que acentua ainda mais as desigualdades, e que desvaloriza e ataca sistematicamente as ciências, principalmente as humanas<sup>5</sup>, num momento em que os esforços e conhecimentos científicos se revelam essenciais.

A experiência de editar esse boletim nos mostrou o imenso trabalho e esforço de cientistas sociais, geógrafos, economistas, linguistas, historiadores, para contribuir, cada um à sua maneira, no enfrentamento da crise sanitária. Também nos mostrou que as fronteiras dessas áreas são atravessadas pelos interesses e preocupações em comuns e que a interlocução com pesquisadores de disciplinas, regiões e campos diferentes é não só muito frutífera, como animadora.

***Bianca Setti** é graduada em Antropologia e licencianda em Ciências Sociais pela UNICAMP. É membro do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem (La'Grima-UNICAMP).*

***Lucia Copelotti** é doutoranda em Antropologia pela UNICAMP. Integra o Laboratório de Antropologia da Religião (LAR) e o Núcleo de Estudos em Espiritualidade e Saúde (NUES), ambos sediados na UNICAMP.*

***Luciana Alvarez** é graduada em Antropologia e licencianda em Ciências Sociais pela UNICAMP. É integrante do Núcleo de Estudos em Espiritualidade e Saúde (NUES) e do Laboratório de Antropologia da Religião (LAR).*

---

Estes textos são parte de uma série de boletins sequenciais sobre o coronavírus e Ciências Sociais que está sendo publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Nos canais oficiais dessas associações estamos circulando textos curtos, que apresentam trabalhos que refletiram sobre epidemias. Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e também de afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em

---

5

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/03/em-meio-a-pandemia-governo-bolsonaro-investe-contra-pesquisa-em-ciencias-humanas.shtml>

Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

